

A PERSPECTIVA NA FOTOGRAFIA DE ARQUITETURA

XXVII
SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

AUTOR: FABIO DO AMARAL BECK | ORIENTADOR: CÉSAR BASTOS DE MATTOS VIEIRA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO | UFRGS

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Introdução:

Se definirmos a Fotografia de Arquitetura como a fotografia de qualquer espaço edificado, estaremos afirmando que a arquitetura é tema recorrente na fotografia, desde sua origem, quando que por baixa capacidade fotossensível dos filmes fotográficos, era necessário um longo tempo de exposição. Como consequência apenas o estático, como a arquitetura, era capturado. O objetos em movimento, tais como pessoas, animais e automóveis não eram registrados pela fotografia, como é possível verificar na figura 1, uma fotografia capturada com um daguerreotipo, de 1838, de Louis Daguerre.

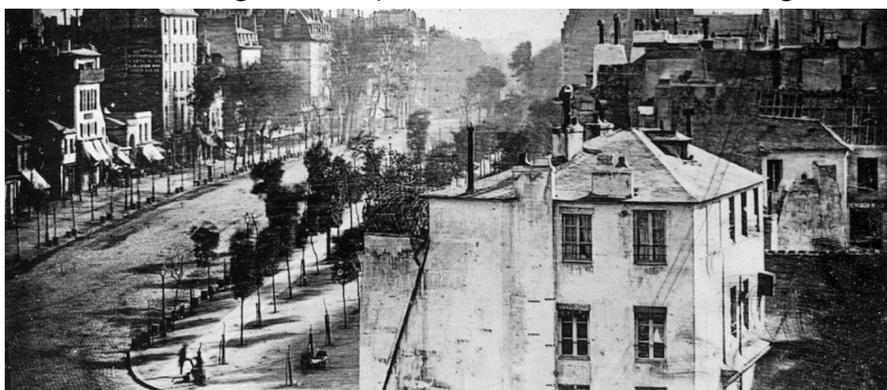


Figura 1 - Fonte: Newhal, 1983, p. 17

A fotografia, utilizada na área específica de arquitetura, nasce como potente ferramenta alternativa ao desenho técnico, para o registro da realidade visível. Se valendo das regras compositivas e das diretrizes do desenho, de certa forma, busca superá-lo em rigor, equivalência, riqueza de informações e precisão.

O aparato tecnológico fotográfico evoluiu muito rápido oferecendo cada vez mais recursos, facilidades e possibilidades ao fotógrafo. Neste processo evolutivo as regras e rigores dos primórdios da fotografia foram sendo relaxados ou esquecidos em prol de uma fotografia mais subjetiva, expressiva e impactante. As novas possibilidades no registro fotográfico, de certa maneira, deslumbram o fotógrafo e o leitor.

A partir destes fatos a fotografia se populariza e, em particular a fotografia de arquitetura vai perdendo parte do rigor e comprometimento com o olhar técnico da perspectiva renascentista, evidenciado pelas distorções e deformações dimensionais decorrentes da exploração dos novos equipamentos fotográficos. Um exemplo contundente, são as novas lentes grandes angulares e super grande angulares (lentes que oferecem um campo de visão superior ao oferecido pelo olho humano, ou seja, maior que 45 graus. Variam entre 60 e 120 graus), quando utilizadas na fotografia de arquitetura. Estas lentes permitem visadas completas dos entes arquitetônicos à pouca distância, mas quando não são utilizadas perpendicularmente

ao prédio geram o efeito de tombamento e o aparecimento do terceiro ponto de fuga. A figura 2 ilustra este efeito.

Desenvolvimento:

Na fotografia de arquitetura a convergência das linhas verticais, ou surgimento do terceiro ponto de fuga, é um efeito indesejável e, sempre que possível, evitado ou removido da imagem fotográfica. Este procedimento ainda parece ser um resquício dos preceitos do desenho técnico da perspectiva renascentista. Curiosamente, o procedimento de correção deste efeito causa na imagem um exagero da perspectiva do prédio e esta deformação não causa estranheza, pelo menos, entre os arquitetos, que de certa maneira, mostram pelo contrário gostarem deste resultado. A figura 3 ilustra esta maneira de apresentar a arquitetura.

A correção da convergência vertical não é possibilidade recente. Em câmeras com fole (figura 4) já era possível fazer esta correção. Para as câmeras portáteis SLR e DSLR existem as lentes tilt and shift (figura 5) que permitem também essa correção.



Figura 4- Fonte catalogo Arca Swiss



Figura 5 - Fonte: Catalogo Canon

Mais recentemente, surgiu a possibilidade de corrigir uma fotografia, capturada com qualquer lente, sem o recurso tilt and shift, para que esta fotografia também apresente as linhas verticais paralelas. Este tipo de ajuste é possível em programas de pós-edição, tais como o Photoshop da Adobe, pelo filtro "lens correction". Através deste ajuste automático (que também pode ser feito de maneira "manual" dentro do software), a foto é "esticada e distorcida" até se obter o alinhamento das linhas verticais, como é demonstrado na figura 6:

Conclusão:

Para que a fotografia de arquitetura tenha certa equivalência com a realidade visível e sirva, de fato, como ferramenta de representação arquitetônica, comunicando ao seu leitor informações precisas, é necessário que se tenha mais consciência do que se está fazendo e até que ponto a exploração dos recursos fotográficos – captura e pós-edição – estão auxiliando na apreensão destas realidades visíveis ou oferecendo novas realidades alternativas.



Figura 2 - Foto de César Vieira



Figura 3 - Foto de Marcelo Donadussi



Figura 4 - Foto de César V.



Figura 6 - Foto de César Vieira